

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**AS CONDIÇÕES DO OPERARIADO DO SAL NAS  
PRINCIPAIS SALINAS DO RIO GRANDE  
DO NORTE ( 1960 – 1970 )**

**MILENA SALVIANO LOPES**

**NATAL/ 1998**

**MILENA SALVIANO LOPES**

**AS CONDIÇÕES DO OPERARIADO DO SAL NAS  
PRINCIPAIS SALINAS DO RIO GRANDE  
DO NORTE ( 1960 – 1970 )**

**Monografia apresentada à disciplina Pesquisa  
Histórica II, do Curso de História da  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte,  
Sob a orientação da professora Denise Mattos  
Monteiro.**

**NATAL/ 1998**

***“O homem deixa de ser quem é para  
transformar-se naquilo de que outros  
homens precisam”***

**Afonso Arinos de Melo Franco**

**Aos meus pais, Ivan e Vera, a meus irmãos e a minha irmã, a meu noivo, Frank, e a minha amiga, Ana Verônica, sempre presentes em toda essa minha caminhada com amor, carinho amizade e dedicação.**

## **AGRADECIMENTOS**

**Ao meu Deus que iluminou todos os meus passos, me dando forças para continuar sempre de cabeça erguida, principalmente nos momentos que pensei em desistir.**

**A minha prima, Francis Mary, pela paciência e grande atenção que me dedicou.**

**Aos meus familiares, pela preocupação que sempre demonstraram ter.**

**A professora Denise Mattos Monteiro, pela orientação que me foi concedida.**

**A todos os professores que contribuem para engrandecer o Curso de História, em especial a professora Francisca Aurinete Girão, pela grande ajuda e atenção.**

**As estagiárias da Biblioteca do Mestrado de Ciências Sociais, Lidiane Vieira e Marta Lelis, pela ajuda na consulta do acervo, enriquecendo o presente trabalho.**

**As minhas amigas, Adriana, Elisângela, Gernádia, Jaqueline, Lécia e Márcia, pelo incentivo e pela força no decorrer da vida acadêmica.**

**A todos os meus colegas da universidade, que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.**

**A todos os trabalhadores, que a exemplo dos operários do sal, buscam melhores benefícios a sua classe, com muita luta e dignidade.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	06
1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA .....	07
2. A INDÚSTRIA SALINEIRA POTIGUAR .....	12
2.1. Aspectos da produção .....	13
2.1.1. Mão-de-obra e relações de produção .....	13
2.1.2. Tecnologia .....	15
2.2. Características das produções mecanizadas e tradicionais .....	17
2.2.1. Transporte .....	17
2.2.2. Comercialização .....	18
3. TRABALHADOR DAS SALINAS .....	24
3.1. Cotidiano após a mecanização .....	25
3.2. Organização sindical .....	28
CONCLUSÃO .....	33
BIBLIOGRAFIA .....	34

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre o sal são pouco expressivos em comparação a outros produtos como o açúcar e o algodão, apesar da grande importância que este teve na economia do Rio Grande do Norte. *sobre*

O sal é um produto encontrado em abundância ao longo de todo o litoral brasileiro. O Rio Grande do Norte possui a maior produtividade de sal no Brasil, sendo está extraída das principais salinas do estado localizadas nos municípios de Macau, Mossoró e Areia Branca. O clima e a temperatura propiciam a extensão salinera, bem como a localização geográfica.

O elemento responsável pelo funcionamento da indústria salinera é o operário, que trabalha em péssimas condições materiais, recebendo baixos salários e tendo que trabalhar durante longas jornadas diárias. Ele está presente em todas as etapas de extração do sal, um dos principais produtos da economia nordestina, mais especificamente do Rio Grande do Norte.

A presente pesquisa analisa as condições sócio-econômicas do operariado da indústria salinera de 1960 a 1970, por ter sido nesse período que a indústria química forçou a mecanização das salinas, devido ao aumento da demanda. As consequências provenientes dessa modernização interferiram no cotidiano dos trabalhadores.

O estudo aqui desenvolvido é de grande importância, já que a maioria dos trabalhos realizados tratam do sal num contexto geral, não se detendo no operariado salinero. Esperamos dessa forma contribuir para o maior enriquecimento do acervo a respeito da temática. *Quais?*

Para o desenvolvimento do trabalho foi feito o levantamento bibliográfico, sendo utilizadas fontes secundárias, o que possibilitou a execução do mesmo através de leituras e fichamentos. Foi feita também a comparação do trabalho nas salinas antes e depois da mecanização, analisando-se o seu impacto no cotidiano dos operários. *Bibliografia*

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo analisamos a economia brasileira, principalmente nas regiões Sudeste e Nordeste, mostrando o impacto que elas sofreram com a industrialização e que repercutirá também na indústria salinera. *de que se trata?*

Num outro capítulo, verificamos os obstáculos enfrentados pela indústria salinera norte-rio-grandense para se desenvolver, os tipos de operários nela empregados, bem como o relacionamento destes com o trabalho nas salinas. Descrevemos, ainda, de que forma a tecnologia modificou a indústria salinera juntamente com o cotidiano do operariado e as mudanças ocorridas na comercialização e no transporte do sal.

Em "Trabalhadores das salinas", último capítulo, enfatizamos com mais atenção o operário salinero, as consequências decorrentes da mecanização no seu trabalho e o papel de destaque desenvolvido pelo sindicato. *Termino e)*

- 1) Não ficou claro que o Trabalho só teve por base bibliográfica e não as experiências
- 2) Há um bom n.º de bons trabalhos sobre o seu tema! (E nos quais você se baseia!)

- Periodização de economia da leina: complexa (e monótona)
  - Há anos de conhecimento histórico (histórica econômica) básicos (e conceituais)
  - Por que não se utilizava uma geografia básica e clássica para essa "contextualização"?
- 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA ECONOMIA BRASILEIRA**

A economia brasileira e, conseqüentemente, a regional contou com os avanços da industrialização para se desenvolver cada vez mais. Será no decorrer da segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, que a economia passará por profundas transformações. Ela será envolvida no mercado mundial e direcionada pela livre competição comercial. Ocorrerá o aumento da produção de produtos tropicais e industriais, pois o Brasil possuía vastos territórios e condições de transportes favoráveis. Em 1808 o Brasil entra no mercado mundial favorecido pela abertura dos portos e por problemas enfrentados pelos países da América espanhola e Estados Unidos.<sup>1</sup>

A industrialização vai se expandir ainda mais ao longo do século XIX e grande parte do século XX. Conterá com o capital estrangeiro a partir de 1954, internacionalizando os empreendimentos industriais, apesar de realizada e financiada através da empresa nacional. Na segunda metade do século XIX, a industrialização se voltará para o mercado regional, adquirindo características regionais.

*"...Os complexos regionais eram pouco integrados, tendo cada região sua "própria" economia. O Nordeste com o açúcar e o algodão para o exterior; o Sul (...) fornecia alguns alimentos às regiões escravistas cafeeiras ou açucareiras, embora sofrendo vigorosa competição com os produtos importados do exterior..."<sup>2</sup>*

*Quem?*  
Notou-se uma maior autonomia regional no Nordeste, Sul e Sudeste. Essa última foi diferenciada, ainda mais das outras, por apresentar uma dinâmica mais notável e contar com capital e força de trabalho para empregar na atividade industrial.

*"...na década de 1890, expandiram-se rapidamente as exportações de café, cacau e borracha, trazendo prosperidade a algumas das novas regiões de produção agrícola, especialmente o estado de São Paulo. Esta prosperidade e o afluxo de imigrantes europeus (...) proporcionaram considerável mercado para os bens industriais..."<sup>3</sup>*

*Quando?*  
Os capitais gerados pelo Nordeste foram empregados no desenvolvimento industrial do Centro-Sul do país, participando do desenvolvimento do capitalismo nacional. A economia do Nordeste estava ligada à nacional, fornecendo capital e mão-de-obra para o Centro-Sul, pólo dinâmico dessa economia.<sup>4</sup>

A economia nordestina enfrentou graves crises, que foram ainda maiores no final do século XIX, com periódicas secas até 1915. Essa economia teve nova

? orientação, passando do mercado internacional para o nacional, na segunda década do século XIX, quando vinculou-se ao processo de constituição desse mercado. Não obteve muita diferença da situação anterior, pois a agricultura paulista se expandia e se diversificava, fornecendo açúcar e algodão, substituindo a nordestina com seus principais produtos de exportação. Esse fato reforça a dependência e a marginalidade do Nordeste em relação ao mercado nacional.

Quê? A expansão industrial vem aumentar ainda mais as diferenças entre Sudeste e Nordeste. Enquanto uma crescia, a outra estagnava ou retrocedia, pela perda da competição de seus produtos de exportação.

*"O esforço de industrialização no Brasil concentrou-se na região Centro-Sul do país. Já antes da II Guerra Mundial, o crescimento econômico dava-se predominantemente nesta área enquanto as outras partes do país atrasavam-se visivelmente. A industrialização do pós-guerra tendeu a acentuar os desequilíbrios regionais..."*<sup>5</sup>

Quando? Com a aceleração da industrialização, os desequilíbrios cresciam cada vez mais, já notados no início desse século. Mas, foi com a política de substituição das importações adotadas pelo governo, que os desequilíbrios aumentaram ainda mais. O Nordeste não pôde acompanhar a modernização tecnológica ocorrida no Centro-Sul, chegando ao ponto de fechar indústrias. Seus produtos não podiam competir com os industrializados e acabava perdendo o mercado, o que provocou a migração de grande parte da mão-de-obra para o Sudeste.

De quem? Os incentivos se voltam para a indústria, o que permite maior crescimento econômico, enquanto a agricultura ficava em segundo plano. Como consequência desse fato temos a Divisão Internacional do Trabalho, onde o Nordeste fornecia matéria-prima, mão-de-obra e capitais para o Sudeste e recebia produtos industrializados. Enquanto retornava à economia de base agrícola, absorvendo através desta a mão-de-obra, o Nordeste acabou favorecendo a expansão e consolidação da industrialização no Sudeste que cresceu e acumulou capital. Essa questão regional tem destaque nos fins da década de 50.

O Nordeste era visto como área problema para o governo, mais em 1952 conseguiu a atenção do governo federal que reconheceu a política de combate às secas desligada da visão integrada da economia da região. É criado o Banco do Nordeste do Brasil que tinha como objetivo a integração do Nordeste ao cenário nacional, através do emprego de sua própria estrutura de produção.<sup>6</sup> Durante a década de 50, buscou-se várias saídas para uma nova política regional. O Presidente da República, Juscelino Kubitschek, cria o GTDN, Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste, com a função de avaliar a região e as atividades federais já realizadas. Tinha a proposta política de promover o desenvolvimento da região nordestina através da industrialização, superando dessa forma o atraso da região.

*"...será necessário atacar em duas frentes simultâneas: a da industrialização, para absorver excedentes urbanos, e a do deslocamento da fronteira agrícola e da irrigação das zonas áridas, para aumentar a disponibilidade de terras aráveis por homem ocupado na agricultura".<sup>8</sup>*

O GTDN visava à utilização de matéria-prima e mão-de-obra regionais a baixo custo para que as indústrias nordestinas pudessem competir com as do Sudeste, seja no mercado regional ou nacional.<sup>9</sup> Para por em prática essa política proposta pela GTDN, foi criada e aprovada em 1959 a SUDENE, Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, significando a eliminação dos desequilíbrios regionais e aumento do nível econômico da população nordestina, se nivelando ao Sudeste. Embutida nessa política, que objetivava diminuir as desigualdades entre o Nordeste e o Sudeste, estava a necessidade dessa última se integrar ao mercado nacional com sua hegemonia. As grandes indústrias eram fixadas para as empresas transnacionais filiadas no Brasil e em vários outros países subdesenvolvidos.

Foram criados incentivos fiscais e financeiros, mecanismos como o 34/18, com intuito de atrair a iniciativa privada para inversões da indústria, eixo da política regional.

*"O 34/18 consistia em mecanismo através do qual as pessoas jurídicas de capital cem por cento nacional, poderiam deduzir até cinquenta por cento no imposto de renda devido ao tesouro da União, se direcionassem esses recursos a investimentos ou re-investimentos em atividades consideradas pela SUDENE como prioritárias para o desenvolvimento do Nordeste."<sup>10</sup>*

Outro tipo de incentivo foi o Fundo de Desenvolvimento do Nordeste, FIDENE, "que destinava o total acumulado aos projetos aprovados pela SUDENE",<sup>11</sup> foi extinta pela preferência dada ao outro incentivo.

Quando a SUDENE apresentava dois anos de fundação, foi aprovado o I Plano Diretor que vigorou de 1961 a 1964. Tinha como metas a criação de transportes e energias mais adequados, a coordenação de incentivos proporcionados pelo poder público à iniciativa privada, a modificação da estrutura industrial criando indústrias básicas, reorganizar e reequipar as indústrias tradicionais, aproveitar matérias-primas locais para estabilizar atividades do setor primário, reestruturar atividades artesanais e formar mão-de-obra especializada ou semi-especializada.

O Plano Diretor II, em prática de 1963 a 1965, deu maior importância às indústrias de porte e à modernização e dinamização de setores industriais ainda tradicionais. "Foram afetadas assim a indústria salineira (discutida adiante) e as indústrias tradicionais, de curtumes, de óleos vegetais e têxtil".<sup>12</sup> O Plano Diretor III, de 1966 a 1968, tentou disciplinar as atividades industriais, estimulando a criação de indústrias nas grandes capitais e cidades. Tentou dar assistência às pequenas e médias empresas e estimular a criação de Bancos de Desenvolvimento e Secretarias de Indústria e Comércio nos estados da região. O Plano Diretor IV criou áreas para o

surgimento de indústrias, tentando corrigir a concentração delas, já ocasionadas em algumas cidades.

Verifica-se que o objetivo central dos Planos era implantar uma estrutura industrial preconizada pela GTDN, pois não se referiam ao setor agropecuário, para reduzir os desequilíbrios regionais e disparidades sociais existentes.

*"A própria implementação do Plano levava ao aumento dos desequilíbrios regionais e disparidades sociais, na medida em que implementava o desenvolvimento do pólo dinâmico da economia nacional..."*<sup>13</sup>

Será com a recuperação da economia e com o processo industrial introduzido que as inversões públicas em infra-estrutura e setores de base crescerão, principalmente, na segunda metade da década de 60. A infra-estrutura ficou sob nova orientação, pois os investimentos públicos se concentraram no transporte, energia elétrica, saúde e educação, com considerável melhoria. Essa nova orientação demonstra as características essenciais do Nordeste. A política econômica imposta pelos governos do país, fornece elementos responsáveis pelos níveis e desníveis encontrados nessa região. Consequentemente permite uma análise acerca da exploração da região salineira, atividade econômica principal do Nordeste, tendo o Rio Grande do Norte, um papel de destaque.

## NOTAS

1. ARBOCZ, Istvan Imre Lazvlo. **Ensalos sobre a história econômica do Rio Grande do Norte.** p. 24.
2. CANO, Wilson. **Desequilíbrios regionais e concentração Industrial no Brasil.** p. 63.
3. BAER, Wener apud COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e desemprego.** p. 20.
4. COHN, Amélia apud SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 21.
5. BAER, Wener apud COSTA, Ademir Araújo da. **Op. cit.** p. 20 – 21.
6. COHN, Amélia apud SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 20.
7. SUDENE apud MOREIRA, Raimundo. **O Nordeste brasileiro.** p. 57.
8. Id. , **ibid.** , p. 57.
9. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 23.
10. COSTA, Ademir Araújo da. **Op. cit.** p. 25.
11. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 27.
12. ANDRADE, Manuel Correia de apud COSTA, Ademir Araújo da. **Op. cit.** p. 26.
13. COHN, Amélia apud COSTA, Ademir Araújo da. **Op. cit.** p. 27.

Quando você está se referindo ao RN e quando ao Brasil?

## 2. A INDÚSTRIA SALINEIRA POTIGUAR

O Rio Grande do Norte, assim como os demais estados nordestinos, tem um litoral favorável à produção salinera. Sua produção é beneficiada pela localização geográfica, ventos, temperatura, salinidade dos rios e águas. Se destaca como principal produtor, ficando o Rio de Janeiro em segundo lugar. Suas principais áreas são as várzeas dos rios Piranhas-Açu e Apodi-Mossoró.

As primeiras salinas de que se tem notícia datam de 1605, com a doação de duas delas por Jerônimo de Albuquerque a seus dois filhos Antônio e Matias, sendo identificadas como as salinas de Macau. A invasão holandesa possibilitou a descoberta e exploração de várias outras salinas no século XVIII. Neste século foi iniciada a exploração das salinas do Rio Grande do Norte, apesar de conhecidas desde 1603.<sup>1</sup>

De início, a indústria salinera fora proibida pela metrópole portuguesa de se desenvolver, através de muitas leis e as mais variadas perseguições. A produção se destinava apenas ao consumo local.

*"O sal marinho constituía monopólio da coroa, tendo sido um dos mais pesados e onerosos que a colônia teve de suportar, pois afetava um gênero de primeira necessidade, encarecendo-o consideravelmente".<sup>2</sup>*

Um decreto de D. João VI, em 1801, autorizando o carregamento de sal do Rio Grande do Norte, tornou possível o aumento da produção salinera. Essa medida poderia ter sido mais positiva para a região salinera se pudesse ter mudado seu processo de obtenção do sal, que ainda era primitivo e se desenvolveu melhor anos a frente de atraso.<sup>3</sup>

A partir de 1806, o sal passa a competir com os demais produtos do estado. Com a imposição de tarifas aduaneiras através do governo em 1866, vários comerciantes foram levados a investir capital na indústria salinera. Tal fato permitiu aprimoramento, aumento da produção e a formação do excedente para exportação do produto. Esse progresso levou, em 1866, as salinas de Açu, Mossoró, Areia Branca e Macau a trabalhar a nível industrial, mantendo seu método de extração que recebeu inovação tecnológica, no Rio Grande do Norte, chegando até a década de 50 deste século.

Foi com o fim da Monarquia, em 1890, que o sal teve permissão para ser explorado e foi incentivado pelo governo. Neste ano, o sal foi o produto exportado de maior quantidade pelo porto de Macau que liderava em relação a outros portos, devido ao peso preponderante do produto.<sup>5</sup> Com o início da República, ocorreu a disputa entre produtores de sal e produtores de charque. Esses acusavam o sal do nosso país de ser prejudicial a sua indústria, devido a qualidade. Para por fim à disputa, as primeiras medidas foram para melhorar a qualidade do produto e conquistar novos mercados. O governo federal teve que intervir para, enfim, solucioná-la.

de onde era?

Use para 14 e 19!

Que concessão foi essa?

Próximo a Proclamação da República, a Indústria salineira obteve modificações. A Concessão de Roma, datada de 26 de outubro de 1889, permitia a exploração das salinas entre os rios Mossoró e Açú. Foi a companhia Nacional das Salinas Mossoró-Açú que executou a Concessão de Roma, essa gerou atrito entre os produtores que exploravam as salinas. Foi anulada anos depois pelo não cumprimento de várias cláusulas, podendo a indústria salineira se desenvolver melhor.

Em 1904, a indústria do sal entrou em crise e o Governador Tavares de Lira pediu medidas legislativas. Ele tornou possível uma racional política econômica, no que se refere ao sal, ocorrendo formação de sindicatos, melhoria no transporte, conquista de mercados, entre outros.<sup>6</sup> Vários governos incentivaram a produção salineira. José Augusto Bezerra de Medeiros notou que o problema do sal não era só político, mas técnico também. Apesar da força por parte do governo, o nosso estado e o Nordeste enfrentavam a falta de transporte. ?!

Foi criado em junho de 1940 o Instituto Nacional do Sal, IBS, para controlar o mercado do sal fixando as cotas produzidas por cada estado, estando o Rio Grande do Norte em destaque. Foi positiva a influência do IBS, pois o nosso mercado precisava ter o cooperativismo, entrar no mercado com qualidade e melhorar os transportes. Tais medidas foram completadas com a construção de armazéns bem aparelhados e adaptados para depositar o sal. Foi esquecido o fator essencial, o operário.<sup>8</sup> A respeito deste será tratado mais adiante. (REDAÇÃO!!!) ?

A indústria salineira do Rio Grande do Norte tem grande importância pelo fato de contribuir com uma das maiores parcelas de sua arrecadação, se destacando como principal produtor salineiro da região Nordeste e, também, do país.

de quem? quem? essa opinião é sua?

## 2.1. Aspectos da produção

### 2.1.1. Mão-de-obra e relações de produção

Essas afirmações valem para que períodos histórico, atual?

Na época da estiagem iniciava a migração de homens, vindos em geral da várzea do Açú, e de cidades próximas às salinas de Mossoró, Grossos e Areia Branca, principalmente. Eram trabalhadores que para sobreviver, nesse período, procuravam as salinas disputando com milhares de outros homens um lugar onde a exploração era constante.

As salinas possuem mão-de-obra desqualificada, permitindo que o trabalho absorva sem preparação. Mossoró era uma das grandes fornecedoras dessa mão-de-obra. "De lá a cada setembro saía um número expressivo de trabalhadores que durante alguns meses trocavam enxadas pela picareta e o bisaco pelo balaio".<sup>9</sup> Alguns desses trabalhadores são permanentes, outros aparecem apenas na época de estiagem pois

do que?

trabalham no campo na época das chuvas. Esses são em número maior. Outro tipo de trabalho é o alugado, que representava a insegurança diária.

*"Trabalhar alugado é anoitecer sem saber no mundo, onde é que vai arrumar um dia de serviço. Trabalhar alugado é trabalhar um dia pra um, um dia pra outro".<sup>10</sup>*

O trabalho nas salinas era árduo, com altas jornadas, baixos salários, sacrifícios pesados, péssimas condições de hospedagem e alimentação. Mesmo com esses fatores, havia um vasto exército de reserva para trabalhar nelas. Para a realização do trabalho não dispunham de equipamentos de segurança, usavam roupas velhas, chapéu de palha e sandálias. Com relação a esse equipamento, 44,5% não usavam qualquer material, 27,5% usavam óculos e 3,5% não tinham qualquer proteção.<sup>11</sup>

Durante os dias de trabalho ficavam hospedados nos galpões cobertos, mas sem paredes laterais, sujeitos a chuva e ao vento. A alimentação era precária feita pelo cozinheiro, mas sem cuidados maiores. Era basicamente café, bolacha, farinha, feijão, carne de charque, providos do barracão, onde o preço era muito mais caro que o do comércio.<sup>12</sup> A água era outro grave problema, cheia de impurezas, mas bebiam por falta de opção. Quando chegavam aos seus 30 ou 40 anos tinham a aparência bastante cansada, pouco lhes restava ao final da vida útil. Cerca de 5% economizava para viver modestamente, o restante esmolava ou dependia dos familiares.<sup>13</sup>

Ganhavam de acordo com a produção, ou seja, por cada alqueire de sal colocado no aterro. Era colocado 36 cuias de alqueire, mais o oficial são 32, onde a diferença é descontada pelo possível prejuízo do trabalhador.<sup>14</sup> Cumpriam uma jornada de 14 a 18 horas de segunda a sexta, às vezes, sábados, domingos e feriados, parando para descansar por 3 horas e para dormir de 4 a 5 horas.

Para executar as fases da produção do sal, era necessário uma grande quantidade de mão-de-obra, na salina tradicional, que fazia praticamente todo o serviço. Já na salina mecanizada ela foi substituída pelas máquinas, que acabaram ocasionando o alto índice de desemprego. *→ quem?*

Os instrumentos utilizados pelos operários na salina tradicional auxiliam o seu trabalho nas fases da produção: afofamento, lavagem e transporte do sal. Desde que a produção do sal foi permitida pela metrópole, em 1803, até as transformações da economia do Brasil, em 1950, as mudanças nos meios de produção foram poucas.<sup>15</sup>

A fase do afofamento era difícil para um único operário devido a alta temperatura, 30°C, além da luminosidade que chegava a cegar. O contato com o sal causava danos a pele, muitas vezes irreversíveis. Nessa fase utilizavam instrumentos como a alavanca que tempos depois foi substituída pelo ferro-de-cova, menos pesado, mas que provocava dores nas pernas e cansava o operário. A chibanca substituiu o ferro-de-cova, esse ocasionava problemas na coluna através do seu manuseio que era feito com o trabalhador curvado.<sup>16</sup>

Na lavagem, utilizavam pá ou enxada, para tirar as impurezas, mas não deixava de ser um trabalho árduo. No transporte, utilizavam o caixão de madeira substituído

*Usei fotos  
12 e 17.*

*Cuias?*

pelos <sup>?</sup> balaios. Ambos causavam problemas nos ombros. O balaio foi substituído pelo carro de mão, esse causava dores na coluna e pernas exigindo muito esforço físico. A relação do operário com o instrumento é definida por ele pela tortura e péssimas condições de trabalho a qual ele está submetido.<sup>17</sup>

*Quais?*  
 Nas fases anteriormente citadas? a presença do operário era estritamente necessária, mas isso até as máquinas aparecerem e exercerem o mesmo serviço com maior rapidez e menores custos. A chibanca usada no afofamento é substituída pela colhedeira mecânica, o carro de mão pela esteira mecânica, a pá pelo lavador mecânico.<sup>18</sup> A função do operário se resume a ligar, desligar e limpar as máquinas, para isso dois funcionários bastam.

*notas: presente ou passado?*  
 Os operários convivem com o barulho das máquinas mesmo distante delas, sujeitos a choques, acidentes e reclamações, sentem dor de cabeça e mal estar. Na produção tradicional, usavam o tempo de disponível para completar sua subsistência com outras atividades, o que a produção organizada dificultou e até impediu a realização desse complemento. A dominação era completa, esteja o operário onde estiver sua preocupação se volta para a empresa.<sup>19</sup>

A relação do operário com a produção, seja ela tradicional ou mecanizada, não era muito agradável e não deixou de ser menos difícil ao passar de um tipo para o outro. As máquinas ou os rudes instrumentos lhes causavam sequelas que em muitos casos eram irreversíveis. Os meios de tortura eram os mais variados, desde o recebimento dos salários que chegavam a atrasar até a convivência com os próprios colegas de trabalho, impossibilitado pelo pouco tempo disponível.

### 2.1.2. Tecnologia

Presente na transformação da indústria salineira potiguar encontramos a indústria química. Foi na década de 50, no governo de Juscelino Kubitschek, que a indústria química iniciou seu desenvolvimento no Centro-Sul do país, com o Plano de Metas do governo. Sua principal matéria-prima era o sal e seus derivados, que devido ao seu crescimento necessitava da produção em larga escala.

Na década de 60, a produção salineira do Centro-Sul representava 20% da nacional. O nosso estado tinha uma expressiva produção, mesmo trabalhando com métodos rudimentares, o que impossibilitava dessa forma o atendimento à alta demanda. A indústria química nacional estava se expandindo nessa época e pressionou a mudança das técnicas destinadas à extração do seu principal produto. Na indústria salineira do Brasil, somente Macaú, Rio Grande do Norte e Cabo Frio, Rio de Janeiro iniciam a mecanização. Em 1954, industriários salineiros de Mossoró, Grossos e Areia Branca formaram a sociedade civil UNISAL, para a construção de uma salina mecanizada. Pediram empréstimo ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, mas várias decisões e desentendimentos entre membros do grupo tornou o empréstimo inviável.<sup>20</sup>

Para que ocorresse a mecanização os empresários nacionais teriam que dispor de recursos próprios, mas não dispunham deles, acabando por entregar as salinas nas

*Que Banco era esse?*

*Macaú mas é no RN?*

recursos!

Porque?

Quem?

mãos dos grupos estrangeiros. Eles alegaram que era necessário ocorrer a mecanização. Nas regiões que trabalhavam manualmente a produtividade era baixa e o custo da produção alto, sendo necessário a mecanização.<sup>21</sup> Como consequência, no final da década de 60 e início da década de 70, grande parte da produção estava sob o domínio de três grandes grupos estrangeiros: AKZO, grupo holandês; NORA LAGE, grupo italiano e MORTON NORWICH PRODUCTS INC., grupo americano.

\*

Em 1950 a indústria salineira era totalmente nacional, mas com a modernização ocorreu a desnacionalização, que abrange o período de 1969 a 1975, onde as salinas foram absorvidas pelas empresas estrangeiras, diminuindo em número.<sup>22</sup> As melhores áreas salineiras eram detidas pelos três grupos estrangeiros citados, que adotaram a tecnologia e monopolizaram o produto no estado.

Qual?

Empresários salineiros enviaram ao BNDE, em julho de 1977, um documento que previa ter o Rio Grande do Norte, nesse ano, 82% do sal produzido no país. As empresas nacionais participaram com 20% e os três grupos estrangeiros com 80%. Esses grupos detinham terras que lhes rendiam 44%. Conclui-se que através do quadro elaborado pelo Deputado Antônio Florêncio de Queiroz, de 1969 a 1975, os três grupos estrangeiros dominavam 41 das empresas, 46% do total de 93 empresas agrupadas. As 52 restantes, que totalizavam 54%, foram agrupadas por empresas nacionais, grupos paulistas, cariocas e norte-rio-grandenses. Muitas empresas se agruparam para driblar a concorrência dos grandes grupos.<sup>23</sup>

Quem era?

Encontramos presente nesse fato a ordem dos interesses monopolistas das multinacionais, que controlam a indústria salineira, desnacionalizando-a.

Qual?

*"...o grande capital conseguiu, aproveitando-se da vulnerabilidade financeira de alguns pequenos e médios produtores, incorporar, através da compra de suas salinas, um maior número de cristalizadores, aumentando daí sua produção e conseguindo em muitos casos a proletarização dos pequenos produtores que se viam despossuídos dos seus meios de produção".*<sup>24</sup>

grupos

Foi contando com a SUDENE, com os monopólios internacionais e com o governo federal que as salinas de Mossoró, Arêla Branca e Macau puderam se modernizar no início da década de 60, final da década de 70. A SUDENE participou efetivamente dessa desnacionalização.

\*

*"Todas as empresas citadas, para atender às exigências da modernização, tiveram que utilizar incentivos fiscais da SUDENE (...). A própria SUDENE facilitou a penetração das empresas multinacionais no Nordeste..."*<sup>25</sup>

O estado participou da implantação dos projetos de mecanização das salinas com 75% dos recursos, concentrando a economia nas mãos dos grandes grupos. Esse fato levou as pequenas e médias empresas, por não poder concorrer com as de grande porte, a serem vendidas ou até mesmo fechadas. As salinas tiveram que ser

com 70 50 1

o que é salinista?  
o que é salineiro?

modificadas para adaptar as máquinas, ampliando o seu espaço para recebê-las e para atender ao aumento da produção. Reservatórios alargados, cristalizadores recebendo novo tratamento, o processo operacional com drásticas transformações. "A mecanização do processo de produção do sal relegou o salinista a papel secundário".<sup>26</sup>

A modernização tecnológica atingiu seus principais objetivos, ou seja, aumentou a produção e reduziu os custos, mas dispensou grande parte da mão-de-obra, gerando o desemprego e conseqüentemente sérios problemas sociais.

## 2.2. Características das produções mecanizadas tradicionais ?!

### 2.2.1. Transporte

O sistema de transporte é um dos principais problemas enfrentados pela indústria salineira, pois este sistema é tido como bastante precário. A distância do mercado consumidor unido a ausência de um porto de embarque adequado acabava por influenciar na elevação do preço do sal. O Rio Grande do Norte possuía as condições favoráveis para a produção do sal, mas estava localizado distante do mercado consumidor. O transporte tinha portanto peso preponderante na composição final do produto em destaque, o sal. (quando)

A tarefa de transportar o sal não era nada fácil na época em que não havia modernização tecnológica. Os navios ficavam ancorados longe e para abastecê-los era necessário uma numerosa mão-de-obra. Para se ter uma idéia, o número de trabalhadores usados para auxiliar no transporte em Macau chegava em média a 1500. O percurso era feito do interior da salina ao aterro, do aterro as barcas e destas aos navios. Era todo feito pelo trabalho humano.<sup>27</sup> Esse longo percurso acabava atrasando o carregamento, levando dias para ser efetuado assim como o percurso do produto até o consumidor. Devido o vasto número de trabalhadores empregados na fase do transporte, várias categorias se formaram como estivadores, marítimos, arrumadores, alvaregueiros, entre outros. Muitos navios ancorados para encherem seus porões significava maior número de empregos.<sup>28</sup>

Para o transporte do sal eram usadas embarcações de madeira que foram substituídas pelas de ferro. Essa acabou por reduzir o número de trabalhadores. Mais adiante as embarcações de ferro foram ampliadas, com capacidade para transportar um maior número de toneladas de sal e reduziu ainda mais o número de trabalhadores. As super-barcaças que chegaram em 1983 tiveram praticamente igual efeito.<sup>29</sup>

Os meios de transportes utilizados eram o ferroviário, o rodoviário, o fluvial e o marítimo. O ferroviário era mais usado e mais vantajoso. O Rio de Janeiro utilizou o rodoviário para atender pequenos e médios produtores, assim como o Nordeste. O

era sinal de

NO RN?

até o

trabalho!

fluvial foi útil mais a essa região, principalmente ao Maranhão. Quem abastecia a indústria química era o marítimo. "O sal ocupava os porões dos navios, e na vinda do Nordeste para o Sul se transformava em importantíssimo item de cargas".<sup>30</sup>

Para solucionar o problema dos transportes, foi analisada a construção de um porto. Primeiramente, discutiu-se o tipo de porto a ser construído, se no próprio estuário, se teleférico ou porto-ilha. Optou-se por esse último.<sup>31</sup> Com relação ao local ocorreu a disputa entre Macau e Areia Branca. Macau reivindicava por ser responsável por 60% da produção, já Areia Branca poderia exportar, além do sal, vários outros produtos da região. O local foi então decidido, seria em Areia Branca a construção do porto-ilha.

"Apesar de existir um parecer técnico que justifique a decisão final com base na existência, de maior profundidade e de um canal rochoso no local escolhido, que impede o assoreamento da área".<sup>32</sup>

O porto foi construído nos anos 70, inicialmente com uma paralisação por falta de verbas, sendo concluído em 1974 pela TERMISA, Terminais Salineiros do Rio Grande do Norte S. A., empresa de economia mista. O porto-ilha diminuiu em 30% o custo do transporte do sal.<sup>33</sup> Apesar da melhoria das condições de transporte, a construção do porto-ilha foi também um dos fatores responsáveis pela eliminação de muitos trabalhadores, aumentando o número de desempregados e conseqüentemente da pobreza do povo.

### 2.2.2. Comercialização

Antes da chegada dos colonizadores, o sal já era aqui produzido de forma natural, seu consumo era local, apenas para suprir as necessidades dos próprios habitantes. As primeiras salinas de que se tem notícia datam de 1605, doadas por Jerônimo de Albuquerque a seus dois filhos. As salinas foram ainda mencionadas por Pero Coelho de Sousa em 1627, por Adriano Verdonck em 1630, além de aparecer na documentação holandesa.<sup>34</sup> Várias outras salinas com o passar do tempo foram sendo descobertas e exploradas.

Os portugueses, logo que tomaram conhecimento da existência do nosso sal, alvo e de boa qualidade, monopolizaram sua comercialização, assim como de vários outros produtos. Impediram através de várias multas e leis que a colônia desenvolvesse sua indústria salinera. "A metrópole portuguesa proibiu que as águas salgadas se fizessem secar, para com isso obter o sal (...). As primeiras proibições datam de 1655...".<sup>35</sup>

A distribuição do sal na colônia era feita pelo sistema de arrematação, que possibilitava ao contratador a elevação dos preços do mesmo. A pouca quantidade e os preços altos geravam revolta na população que chegou a invadir armazéns ou depósitos que o guardavam para ser vendido nas províncias. O seu monopólio se manteve no país até 1802. Fica claro que na colônia existia um mercado de sal. De 1758 a 1803 a produção era apenas permitida para o consumo local, ainda mínima para se desenvolver. Com a vinda da família real em 1808, a sua produção foi liberada sendo exportada para o Sul da colônia. Entre 1808 e 1859 era produzido para consumo humano e animal, crescendo com a sua exigência para navios estrangeiros que por aqui passavam e compravam o produto para vendê-lo em outros países. Mas a venda para esses navios foi proibida dificultando o progresso do parque salineiro potiguar. <sup>38</sup> Quando?

Foi durante a seca de 1877 que se iniciou a colheita intensiva do sal, preponderando sobre outros produtos da economia geral. Era colhido e comercializado desde o século XVII, mas de forma restrita. <sup>37</sup> A produção no Nordeste era bastante favorável devido ao clima, temperatura, localização geográfica, ventos, mas estava localizado longe do mercado consumidor. Mesmo apresentando essa distância, que incidia nos preços finais do produto, e fabricado com métodos rudimentares era um produto de qualidade. Teve ainda que enfrentar a concorrência com o sal europeu, que esse tinha melhor preço e bom preparo, deixando nossa indústria em decadência, que apenas se reergueu anos a frente.

Foi na época republicana que o sal passou a ser mais usado, devido ao aumento da população e conseqüentemente do consumo. Como a extração era natural para atender ao aumento do consumo, salinas foram construídas por proprietários comerciantes, sendo ainda assim insuficientes no período imperial. <sup>38</sup> Muitos governos que se seguiram incentivaram a comercialização do sal, contribuindo para o progresso da indústria salineira. *Você está falando de que período a final?*

No século atual, mas precisamente na década de 60, a indústria salineira sofreu com enchentes que a atingiram provocando grandes perdas do seu produto. As salinas de Mossoró e Areia Branca perderam 350 mil toneladas de sal, correspondentes a metade das reservas do país, nas enchentes de 1961. Era necessário o auxílio do governo pois as salinas destruídas pertenciam aos pequenos proprietários, com 6 mil operários, e para eliminar a necessidade da importação externa do sal. <sup>39</sup> Além de enfrentar os prejuízos causados pelas enchentes, os proprietários das salinas tinham que iniciar a mecanização. A SUDENE juntamente com o governo do estado procurou solucionar os problemas. A reconstrução das salinas ficou sob responsabilidade do IBS, que conseguiria financiamento com o governo federal. <sup>40</sup> Nessa época, iniciava a mecanização para atender a alta demanda da indústria química, eliminando as formas tradicionais para a obtenção do sal. *quem iniciava?*

As várias crises que se seguiram por vários outros fatores, além dos de ordem natural, ocasionaram a importação do produto para que a demanda fosse suprida, já que a produção nacional havia reduzido em 40%.

ndo

ver p. 12 e 14!

João

reduzido!

copiar  
direito?

"Em 1964, o governo brasileiro autorizou uma nova importação do produto nesse ano para atender à demanda interna, pois a produção nesse ano foi insuficiente para atender a demanda das empresas - para quem o sal era matéria-prima - e do consumo da população".<sup>41</sup>

A comercialização do sal passou por transformações no decorrer dos tempos, permitindo o avanço das técnicas de produção, evoluindo até a chegada da mecanização. Essas mudanças foram positivas para o progresso da indústria salinera do Rio Grande do Norte, de onde provinha a maior parcela da produção, e conseqüentemente para a economia nacional. O sal é considerado como um dos produtos úteis e necessários ao homem, tornando importante sua produção.

daí a importância de

maior em relação ao que?

## NOTAS

1. SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte**. p. 23.
2. PRADO JÚNIOR, Caio apud FERNANDES, Geraldo de Margeia. **Os operários do sal**. p. 28.
3. ANDRADE, Manuel Correia de. **O território do sal**. p. 31.
4. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **As salinas do Rio Grande do Norte**. p. 24 – 25.
5. SANTOS, Paulo Pereira dos. **Evolução econômica do Rio Grande do Norte**. p. 103.
6. MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. **O sal e o algodão na economia potiguar**. p. 6 – 7.
7. ANDRADE, Manuel Correia de. Op. cit. p. 38 – 39.
8. MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. Op. cit. p. 14 – 17.
9. FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do garrancho**. p. 60.
10. VARGAS, Nazira Abib Oliveira. **História que o povo conta**. p. 116.
11. FERNANDES, Geraldo de Margeia. Op. cit. p. 78 – 79.
12. SABINO, Geraldo. **História do sindicalismo no Rio Grande do Norte**. p. 30.
13. Id. ,ibid. , p. 31.
14. FERREIRA, Brasília Carlos. Op. cit. p. 138.
15. FERNANDES, Geraldo de Margeia. Op. cit. p. 56.
16. ANDRADE, Manuel Correia de. Op. cit. p. 46 – 47.
17. FERNANDES, Geraldo de Margeia. Op. cit. 61 – 65.
18. Id. , ibid. , p. 92.

19. Id. , *ibid.* , p. 99 – 101.
20. FEMENICK, Tomislav Rodrigues. **Aspectos da economia salineira no Rio Grande do Norte.** p. 5 – 6.
21. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 40.
22. COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e desemprego.** p. 63 – 64.
23. FERNADES, Geraldo de Margela. *Op. cit.* p. 38 – 39.
24. CARVALHO JÚNIOR, José Vitor apud COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 64.
25. SOUSA, Márcia Maria Lemos de apud COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 29.
26. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **As salinas do Rio Grande do Norte.** p. 27 – 28.
27. COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 48.
28. SABINO, Geraldo. *Op. cit.* p. 30.
29. COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 79.
30. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 62, 63 e 65.
31. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 63.
32. COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 79.
33. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 63.
34. MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. *Op. cit.* p. 4.
35. SEGURO, Porto apud FERNANDES, Geraldo de Margeia. *Op. cit.* p. 28 –32.
36. FERNANDES, Geraldo de Margela. *Op. cit.* p. 29.
37. FERREIRA, Brasília Carlos. *Op. cit.* p. 57.
38. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 33 – 34.
39. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salineira e o Rio Grande do Norte.** p. 109.

40. FEMENICK, Tomislav Rodrigues. Op. cit. p. 8.

41. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **A política econômica salina e o Rio Grande do Norte.** p. 77.

### 3. O TRABALHADOR DAS SALINAS

O trabalhador das salinas convivia com a exploração e com as péssimas condições de trabalho. Nem mesmo com a mecanização a situação mudou. Não era necessário qualificação para exercer as funções existentes nas salinas, por isso eram atraídos assalariados rurais, parceleros, meeiros e até pequenos proprietários em busca de sua sobrevivência.<sup>1</sup> Vinham de cidades próximas às salinas na época de estiagem, pois na época de chuva trabalhavam no campo. As salinas, nessa época, aproveitavam os trabalhadores permanentes para executar tarefas, como limpar os cristalizadores. *Real*

Nas salinas tradicionais, os trabalhadores realizavam praticamente todo o trabalho, 60% da força bruta é utilizada para a obtenção do sal,<sup>2</sup> devido a produção se encontrar em nível artesanal e com baixas técnicas. Utilizavam instrumentos como a pá, a enxada, o carro de mão, a alavanca que com o passar do tempo tiveram pequenas modificações tecnológicas e que, ainda assim, continuaram causando sequelas nos trabalhadores. Devido ao uso desses instrumentos, se queixavam de dores nas pernas, nos braços, coluna, ombros, sem falar nas graves doenças causadas não apenas pelos instrumentos mas também pela salinidade, pelo sol e pelas altas temperaturas. ~~Doenças~~ como a tuberculose (causada pela fumaça do candeeiro que auxiliava o trabalho a noite), como o "maxixe", tumor causado pelas impurezas do sal, entre outras. *Doença*

*Redação!* O trabalhador está presente em todas as fases do sal, desde a fabricação até o embarque. Para completar as tarefas se submetiam a longas jornadas diárias que vão além da segunda e da sexta, trabalham ainda nos sábados, domingos e feriados. Como permanecem grande parte do tempo nas salinas se hospedam em galpões, amontoados uns sobre os outros em redes, sujeitos a chuva e ao frio. A alimentação provinha do barracão, cujo preço era muito superior ao do comércio local. O tempo disponível aproveitavam para visitar seus familiares e completar a renda familiar com pequenos serviços. Para se divertir desciam para as cidades próximas às salinas e frequentavam bares, prostíbulos, casas de jogos. É o campo onde se luta dia e noite na busca pela existência, se enfrenta a dureza do trabalho, além de lamentar as noites que não pode dormir, as feridas profundas devido a água e a revolta ao saber que tem que voltar dia seguinte.<sup>3</sup>

Com a chegada da mecanização muitas salinas modificaram seus métodos se modernizando tecnologicamente, mas algumas continuaram com os métodos tradicionais e, para competir com aquelas, mantiveram ou aumentaram a exploração do trabalhador. As máquinas substituíram grande contingente de trabalhadores, o que ocasionou o desemprego em massa, aumento da pobreza, migração dos trabalhadores, cidades em decadência. A máquina passou a fazer o serviço antes executado por vários trabalhadores. Na colheita do sal, 10 tratores e uma colhedeira substituíram 540 homens, que utilizavam o processo manual. Nas várias outras fases, o homem foi substituído, acarretando em 65% o número de desempregados.<sup>4</sup>

?

e

A que período de mecanização você está falando?

redução

Como se vê, nas salinas modernas as máquinas estão presentes, substituindo a força humana pela elétrica. Ainda assim, apesar de poucas, havia trabalhadores que demonstram em seus relatos que a exploração e o árduo trabalho continuou. O trabalhador relata que fica de um lado para o outro o dia todo, demonstrando a não variação na ordem das operações de produção. Vigia a máquina e é vigiado pelo chefe da produção e pelos doutores, não tem tempo nem para um café. A noite identificam os doutores pelo barulho do jipe e os chefes da produção pela lanterna. A vigilância é intensa. Sofrem com o barulho das máquinas, sentem dor de cabeça, mal estar, e se não se está acostumado, o sofrimento é maior. Com as máquinas estão sujeitos a choques e vários outros tipos de acidentes que os deixam doentes.<sup>5</sup>

Pana

Foi a mecanização que acabou com as formas de trabalho isalubres que prejudicava a saúde dos operários, mas levou-os a miséria por deixá-los sem trabalho. Os poucos trabalhadores das salinas mecanizadas possuem salários fixos, revezam em turno de 8 horas e até fazem hora extra para completar o salário. Os que trabalham com carteira assinada são técnicos de nível médio e superior, com emprego garantido por um ano e que residem nas cidades próximas as salinas.<sup>6</sup>

Apesar de todos esses fatores a que são submetidos os trabalhadores das salinas, seja da mecanizada ou da tradicional, estão conscientes de que as condições de trabalho não lhe são favoráveis. Eles tem consciência das consequências para a sua classe de emprego e dos meios de produção. O trabalhador das salinas foi o principal afetado com a mecanização, que gerou desemprego em massa. O que foi feito em relação aos que ficaram desempregados será discutido no próximo item.

foi esse!

### 3.1. O cotidiano após a mecanização

Qual a profunda modificação sentida pelo trabalhador salineiro? Se as modificações foram boas salinas é óbvio que elas afetariam os trabalhadores desse setor!

As salinas do Rio Grande do Norte passaram por profundas modificações com a chegada da mecanização na década de 60, mais nenhuma foi tão sentida quanto a referente ao trabalhador salineiro. Foi ele quem acabou sofrendo com a mecanização e com a construção do porto-Ilha em Areia Branca que geraram um grande número de desempregados na produção e transporte do sal. Aumentando, consideravelmente, o exército de reserva.

A substituição da mão-de-obra humana pela máquina gerou o aumento da produção, deu lucro aos proprietários, mas gerou desemprego e miséria da mão-de-obra salineira.<sup>7</sup> Os empresários das pequenas e médias salinas não podendo mecanizá-las entregaram-nas nas mãos dos grandes grupos estrangeiros que controlaram e modernizaram as melhores áreas salineiras, dispensando grande parte da mão-de-obra. Não houve em nenhum momento por parte dos empreendedores, autoridades locais e regionais, a preocupação com as consequências da modernização frente à população e a economia local. Falavam que a riqueza aumentaria e a pobreza acabaria. Os problemas dos trabalhadores, familiares e comunidades seria resolvido.<sup>8</sup>

afetou

e qual os

E as medidas, iniciativas que você cita na próxima página? (e na seguinte?)  
p. 26 e 27?

Na construção do porto-ilha, necessário para a melhoria dos transportes, várias categorias de trabalhadores ligados ao transporte foram dispensados. "Considerando-se apenas os sindicalizados, foram 866 trabalhadores que perderam o emprego".<sup>9</sup>

Alguns trabalhadores foram absorvidos pela empresa moderna, o que não ocorreu com a grande maioria. *é que, por esse fato, gerou consequências desagradáveis para o centro urbano regional.* Segundo o censo de 1980, a região de Macau tinha 24.071 habitantes, se comparado com o censo de 1970 podemos verificar que a população era maior, com 25.789 habitantes. Isso foi devido ao aumento do número de desempregados.  *muitos ficaram sem oportunidades e migraram para outras cidades. Categorias de trabalhadores do transporte, sem emprego, migraram para cidades portuárias principalmente do Sul/Sudeste do país.*<sup>10</sup>

O comércio de Macau acabou retraído, várias lojas faliram, muitos trabalhadores mendigavam na cidade, fato que se tornou comum. Muitos não puderam completar seu tempo de serviço. Macau não encontrou alternativas para absorver os desempregados com a mecanização; sindicatos acabaram sendo extintos e os que ficaram pouco fizeram para diminuir os efeitos da modernização tecnológica. A estrutura do mercado de trabalho de Macau também contribuiu para diminuir o poder de pressão dos sindicatos locais.<sup>11</sup>

Não foi só Macau que sofreu com o problema dos ex-salineiros. O desemprego chegou também a Mossoró, onde trabalhadores se fixaram para esmolar, viver de 'biscates' e pequenos furtos.<sup>12</sup> Para lá se direcionaram políticas públicas para absorver a força de trabalho desempregada, dentre elas destacam-se a construção do campus da ESAM, do prédio do INPS, do hospital dos salineiros, seguido da construção do campus da FUR-RN. Absorvendo grande parte dos ex-salineiros.<sup>13</sup> Comparando Macau e Mossoró, essa última ofereceu maiores soluções aos desempregados.

*Na construção de vilas?*  
Para tentar amenizar a situação, o Governo do Estado buscou várias alternativas. Primeiramente criou-se as agrovilas de Serra do Mel e de Bom Destino, para que os desempregados salineiros voltassem ao campo. Seria vendido, a prazo, um lote de terra em 50 hectares pelo Estado. Os que na antessafra trabalhavam no campo migraram para lá, já os que tinham atividades diferentes das do campo, como a pesca, não viam nessas agrovilas solução para o seu desemprego. Hoje só 7% dos que lá residem são ex-salineiros, o restante são de outras categorias sem ligação com a atividade salinera.<sup>14</sup> Tal solução visava encobrir as reivindicações dos operários desempregados que se tornaram 'retirantes', aumentando a migração ou povoando as agrovilas criadas rapidamente sem funções ou relações sociais determinadas para servir mesmo de abrigo, de 'depósito', para essa população marginal.<sup>15</sup>

O governo Cortês Pereira criou o programa de desenvolvimento do caju para a exportação, assentando muitos agricultores. Junto a isso *criou a* cultura de produtos alimentícios, de ciclo vegetativo para subsistência dos agricultores cujo excedente seria comercializado. Ainda assim não solucionaram os problemas sociais como a miséria.<sup>16</sup> Os problemas dos colonos das agrovilas se aprofundaram no momento atual quando o cultivo do cajueiro foi monopolizado pela MAISA, Mossoró Agro-industrial S/A, que compra a produção das agrovilas ditando preços. A situação da comercialização do feijão é desvantajosa para os colonos das agrovilas, pois a CIDA, Companhia de

*qual?*  
*qual?*  
O que é pro você "ciclo vegetativo"?

Desenvolvimento Agrícola, responsável pela comercialização da produção dos colonos, deixou 700 toneladas de feijão apodrecer da safra de 1977. As pessoas que produziram o feijão passaram fome. A organização desses espaços mostram como o processo de produção capitalista produz o espaço e como o capitalismo enquadra as relações de dominação nesse espaço, determinando onde os homens vão viver, o que produzirão/e que tirará a 'mais valia' do seu trabalho.<sup>17</sup> ?

Outra alternativa foi a criação de uma cooperativa de pequenos e médios agricultores para formar uma grande salina. Esse projeto foi anulado pelo Estado pois os grandes grupos não permitiam competição. Foi sugerida uma empresa de pesca, atividade de alguns salineiros na época da antessafra. Tal proposta não foi efetivada. Foram discutidos projetos de aproveitamento das águas-mães e da fábrica de Barrilha. Essa foi construída em 1974, pela ALCANORTE, e caminha a passos lentos, tanto que está abandonada a 17 anos. Das várias alternativas, a que se concretizou foi o processo de aposentadoria.

o que é? o que é isso?

o que é?

o que é isso?

[isa]

"A cidade [Macau] apresenta, em 1970, 68% da população economicamente ativa (PEA) na situação de desempregados e a cidade aparece, em um dado momento dessa crise, como um grande dormitório de aposentados e de trabalhadores sobrevivendo com o "benefício" do INPS".<sup>16</sup>

O INPS foi utilizado, principalmente, no momento da construção do porto-ilha, beneficiando as várias categorias dispensadas que eram ligadas ao transporte do sal. Muitos dos que não se aposentaram pelo tempo de carência, usaram de artifícios que iam de se fingir de loucos até se matar. A maioria acabou sendo aposentada por invalidez devido não completar o tempo de carência que a lei exigia. A aposentadoria por invalidez apresenta o percentual de 83%, por tempo de serviço com menor carência 17%. Dos que trabalhavam com transportes 52% se aposentaram por invalidez e 48% por tempo de serviço. Totalizou 75% por invalidez e 25% pelo tempo de serviço. Muitos se mutilaram para ter acesso a aposentadoria.<sup>17</sup>

Criaram-se outras alternativas de trabalho, com a utilização de salinas abandonadas para a criação de camarão. Perfurações da PETROBRÁS foram feitas e beneficiaram tanto Macau quanto Mossoró. Muitos trabalhadores acabaram migrando para cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Recife e até a Amazônia. Os que permaneceram se dedicaram, principalmente, à agricultura, ao comércio e à pesca. Ainda assim, o contingente populacional diminuiu.

Os ex-salinelros enfrentaram uma árdua batalha na busca de um novo emprego para continuar sobrevivendo, muitos só sabiam trabalhar nas salinas. Enfrentaram o descaso das autoridades e dos patrões que apesar de procurarem soluções não foram devidamente pressionados. A mecanização chegou, mas não veio acompanhada dos meios pelos quais amenzaria, ou mesmo solucionaria, possíveis impactos sobre os trabalhadores do sal.

por que? como deveria ser a "pressão"?

Macau!

Você estava falando do presente. Agri volta para 1976!

Macau!

### 3.2. Organização sindical

Foi a partir dos trabalhadores salineiros que várias outras categorias tomaram a iniciativa de formar seu próprio sindicato. Esse teria a função de defender a classe trabalhadora buscando seus direitos, impedindo a exploração a que eram submetidos, além de reivindicar melhores salários e condições de trabalho. Seria a voz maior de todos os trabalhadores. Poderemos perceber que não foi nada fácil se organizar, mas mesmo impedidos de várias maneiras pelos patrões conseguiram se reunir e se sindicalizar.

No Rio Grande do Norte, não se formou uma classe trabalhadora fora do contexto nacional, na prática havia particularidades regionais. No período da República Velha (1889 - 1930) a classe trabalhadora norte-rio-grandense era mínima. O censo demográfico de 1920 mostra que nosso estado possuía 197 estabelecimentos industriais com o total de 2.146 operários, onde a sua grande maioria trabalhava nas salinas de Macau, Areia Branca e Canguaretama; nas ferrovias de Great Western e estrada de ferro central; nos portos de Natal e outras cidades marítimas; na indústria de alimentos e bebidas; no setor gráfico. Nestes setores se concentravam a classe trabalhadora potiguar, de onde apareceram as principais organizações operárias. As primeiras organizações surgiram nas cidades litorâneas, devido ao fácil acesso às idéias que circulavam nos centros regionais mais desenvolvidos do país.<sup>20</sup>

*"O surgimento de novos segmentos da sociedade de Macau dinamizou de forma significativa a sua população, através da criação de uma consciência de classe entre os que laboravam a orla marítima, agora em convivência com elementos da tripulação de navios, viajados e conseqüentemente politizados e conhecedores dos seus direitos de trabalho. Com efeito, desse intercâmbio natural surgiram os sindicatos de classe. Com a sua instalação, esses sindicatos passaram a reivindicar os direitos dos seus associados. (...) os direitos surgiram antes mesmo das leis".<sup>21</sup>*

A primeira associação de trabalhadores do nosso estado foi fundada em 2 de fevereiro de 1873 na vila de Canguaretama, onde funcionava o engenho de Cunhaú em 1604. As associações profissionais surgiram a partir de 1920 até 1930 e originaram os sindicatos. Entre os nomes conhecidos ligados aos sindicatos do Rio Grande do Norte temos Sandoval Wanderley e Café Filho. Será em 1930 o início de importantes movimentações sindicais do nosso estado. Na República Nova a legislação sindical foi valorizada, assim como o trabalho, mas na verdade significava o controle, a manipulação por parte do Estado. O reconhecimento da 'legalidade' de sua atuação teve início no Governo de Vargas.<sup>22</sup>

Foi no ano de 1880, sob a organização de Senhor Francisco Honório Canuto da Silveira, Fagundes de Meneses e de Pedro Felipe de Meneses que surgiu uma associação operária pela busca irregular do pagamento dos marítimos. Entre 1891 e

o que é isso?  
qual a diferença?  
desde  
o que é?  
porque?  
você "vai e vem" no tempo!

1892 foi fundada a Sociedade dos Homens que Trabalhavam no Sal. Em Areia Branca também tinha se formado, em 1898, uma associação, sua existência se dá pela greve dos portuários.<sup>23</sup> Aos poucos vão iniciando sua formação, adquirindo maior importância a cada ano que passa. É a chamada época do "pré-sindicalismo". > Quem?

Os operários salineiros tinham total consciência da exploração a que estavam submetidos, foram portanto se organizando no ambiente de trabalho e de lazer, pois estavam agrupados durante toda a semana. O número de operários no início era mínimo. Os mais conscientes tomaram a frente do partido para melhor organização, fundando vários sindicatos, principalmente o dos salineiros, cujo número de trabalhadores era maior. O partido operário contará com muitos trabalhadores a ele vinculado entre 1928 a 1930, iniciando a organização da classe trabalhadora mossoroense em sindicatos. Destacando-se os operários da construção civil e os salineiros. O interesse pelos seus direitos foi assunto passado de um para o outro, só não interessando muito aos trabalhadores temporários que estavam distantes das propostas de organização. Mesmo sendo assalariados no trabalho do campo, sua tarefa na antessafra, falar em sindicato era idéia distante. A lei que conheciam era a do coronel.<sup>24</sup> *interesse não assunto!*

Ao iniciarem suas organizações, acabaram sendo temidos pelos patrões e autoridades locais que tentaram reprimi-los, mas eles não deixaram se intimidar na busca de seus direitos. Foram ameaçados de todas as maneiras, perseguidos, obrigados até a fechar o sindicato.

"Os patrões reprimiam porque era ilegal e ao mesmo tempo impediam sua legalização. Criavam obstáculos à legalização. Tanto assim que ao mesmo tempo em que se reuniam clandestinamente, tentavam obter o registro da associação como estava previsto na legislação".<sup>25</sup>

(E antes disso não?!)  
Começaram a reivindicar seus direitos após o término da Segunda Guerra Mundial e da redemocratização do país. De início, conseguiram piso salarial e troca dos instrumentos até completar o equipamento de proteção ao trabalho previsto por lei.<sup>26</sup> Para tentar conquistar suas reivindicações trabalhistas, os trabalhadores faziam uso de um poderoso instrumento de luta, a greve. Onde se organizaram classes trabalhadoras é registrado movimentos grevistas por melhores condições. Foi da região salineira do Rio Grande do Norte que surgiu as mais antigas greves. Em Areia Branca, os trabalhadores fizeram uma greve em 1898, reivindicando das companhias salineiras melhores salários para o transporte do sal entre a praia e os vapores. Foi o Prático-Mor da Barra, André Cassimo de Medeiros, que reuniu os tripulantes das barcaças aconselhando-os a fazer greve nos trabalhos do porto. As companhias chegaram a ameaçar substituir os grevistas por trabalhadores do porto de Macau, mas estes não atenderam em solidariedade a sua classe, tendo as companhias de aceitar as reivindicações da tripulação das barcaças. Este foi o primeiro movimento grevista de Areia Branca.<sup>27</sup>

- Você está falando do período pós-2ª guerra ou do final do século XIX?
- Afinal, os trabalhadores tiveram a conquista de seus direitos no final do séc. XIX ou só começaram a fazê-lo no pós-2ª guerra?

Quem?  
Quem?  
Quem?  
Quem?  
Quem?

Quem?  
Quem?  
Quem?  
Quem?  
Quem?

Qual reivindicação?  
Quem?  
Quem?  
Quem?

de que categoria?  
volta de onde?  
(e para onde?)

melhor

Muitas greves foram positivas, seja com relação a salários, menores jornadas de que? água para melhor consumo, volta de companheiros de outras categorias. Os resultados das greves fortaleceram os sindicatos e o espírito de luta dos trabalhadores, ao passo que conseguiam suas reivindicações. ? (não se conseguem reivindicações: re-conseguem que estas sejam atendidas!)

Que greve?!

"O comando de greve organizou uma coleta entre os comerciantes que doavam alimentação aos trabalhadores mais necessitados e suas famílias. Souberam explorar muito bem o interesse que o comércio tinha de que aumentassem seus salários (...). Chegava a 5000 o número de trabalhadores em greve (...). Os patrões (...) concordaram em aumentar em 100% a colheita de um alqueire de sal, além de atender a todas as outras reivindicações. Foi uma grande vitória. (...) o sindicato saiu extremamente fortalecido".<sup>28</sup>

DAS SALINAS!

Quando ocorreu a mecanização muitos trabalhadores acabaram ficando desempregados, nem mesmo os sindicatos puderam ficar a frente dos problemas dos salineiros, agora ainda maiores. Em Macau, muitos sindicatos foram extintos, só existindo hoje o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Extração do Sal de Macau e o Sindicatos dos Arrumadores. Pouco fizeram para diminuir os efeitos da modernização. A estrutura do mercado de trabalho de Macau também contribuiu para diminuir o poder de pressão dos sindicatos locais. Muitos dos trabalhadores voltaram, agora permanentemente, para o campo. Sua dispersão os enfraqueceu, não tendo condições de exercer pressão junto ao sindicato para conseguir, através dos poderes públicos, alternativas para a sua sobrevivência. Em Mossoró, muitos trabalhadores desempregados pressionaram, reivindicaram e pediram emprego junto ao sindicato, para que a diretoria tomasse posição diante da situação.<sup>29</sup> "O próprio sindicato de trabalhadores (...) se esvaziara devido a falta de combatividade, agora, perdendo a maioria absoluta de seus sócios, se anulou".<sup>30</sup>

Quem?

Porque?

FORAM Foi bastante positivas as organizações operárias fazendo com que os trabalhadores não fossem tão passivos às péssimas condições de trabalho a que eram submetidos. Se subordinavam a tal serviço para melhorias e lutavam até o fim, mesmo com o início da mecanização, que veio para privá-los do seu trabalho e anular os sindicatos. Ainda assim, buscaram seus direitos, sendo assentados nas agrovilas, aposentados pelo INPS, ou buscando mais forças para migrar a procura de novos caminhos, batalha difícil para quem só sabia lidar com o trabalho nas salinas.

CONFUSO REINTEGRAÇÃO

frente

## NOTAS

1. FERREIRA, Brasília Carlos. **O sindicato do garrancho.** p. 60.
2. SOUSA, Márcia Maria Lemos de. **As salinas do Rio Grande do Norte.** p. 26.
3. FERNANDES, Geraldo de Margela. **Os operários do sal.** p. 54.
4. FELIPE, José Lacerda Alves. **Tecnologia capitalista nas salinas do Rio Grande do Norte e a organização de novos espaços para os salineiros desempregados.** p. 5 – 6.
5. FERNANDES, Geraldo de Margela. *Op. cit.* p. 98 – 100.
6. ANDRADE, Manuel Correia de. **O território do sal.** p. 58.
7. FELIPE, José Lacerda Alves. **Mossoró: um espaço em questão.** p. 22 – 23.
8. COSTA, Ademir Araújo da. **Tecnologia e desemprego.** p. 97.
9. *Id.*, *ibid.*, p. 100.
10. FELIPE, José Lacerda Alves. **Aspectos geo-econômicos da região de Macau.** p. 10.
11. COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* p. 101 – 103.
12. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 67.
13. COSTA, Ademir Araújo da. *Op. cit.* 104 – 105.
14. *Id.*, *ibid.*, p. 108.
15. FELIPE, José Lacerda Alves. **Tecnologia capitalista nas salinas do Rio Grande do Norte e a organização de novos espaços para os salineiros desempregados.** p. 7.
16. ANDRADE, Manuel Correia de. *Op. cit.* p. 67.

17. FELIPE, José Lacerda Alves. **Tecnologia capitalista nas salinas do Rio Grande do Norte e a organização de novos espaços para os salineiros desempregados.** p. 10.
18. FELIPE, José Lacerda Alves. **Aspectos geo-econômicos da região de Macau.** p. 11.
19. COSTA, Ademir Araújo da. Op. cit. p. 114 – 115.
20. SOUZA, Itamar de. **A República Velha no Rio Grande do Norte.** p. 78.
21. MARIZ, Marlene da Silva. **Macau-História: origem e sociedade.** p. 17 – 18.
22. FERREIRA, Brasília Carlos. Op. cit. p. 22, 25, 28 – 30.
23. SOUZA, Itamar de. Op. cit. p. 80 – 81.
24. FERREIRA, Brasília Carlos. Op. cit. p. 117 – 120.
25. Id., *ibid.*, p. 129 – 130.
26. SABINO, Geraldo. **História do sindicalismo no Rio Grande do Norte.** p. 31.
27. SOUZA, Itamar de. Op. cit. p. 96 – 97.
28. FERREIRA, Brasília Carlos. Op. cit. p. 173.
29. COSTA, Ademir Araújo da. Op. cit. p. 102 – 104.
30. ANDRADE, Manuel Correia de, Op. cit. p. 67.

## CONCLUSÃO

Concluímos que o operário foi o principal responsável pela riqueza da indústria salineira. (No entanto,) sua importância não foi reconhecida pelos empresários e nem pelas autoridades locais ou regionais. Ficavam fora dos projetos que visavam a melhoria da indústria salineira, pois aqueles só almejavam maior e melhor produtividade e maiores lucros. Mesmo sendo o gerador direto desses lucros, o operário não obteve melhorias para a sua condição de trabalho. O que mais chama a atenção é que eles tinham consciência do quanto eram explorados, mas buscando a sobrevivência se submetiam a esse tipo de trabalho.

Sem dúvida a mecanização foi imprescindível para a expansão da indústria salineira, mas beneficiou apenas aos empresários, pois os operários sofreram ainda mais com o descaso e a grande maioria acabou desempregada. Caso a mecanização tivesse vindo acompanhada de fatores sociais, juntamente com os econômicos, muitos problemas teriam sido evitados. *O que é isso?*

Muitas alternativas foram criadas para solucionar os problemas gerados pelo desemprego, (no entanto,) tinham o objetivo de encobrir o estado de miserabilidade em que se encontravam os trabalhadores oriundos da atividade salineira. Mais uma vez, o problema não foi solucionado. A maioria destas alternativas se tivesse sido encarada com maior seriedade, talvez alcançasse o êxito esperado, e beneficiaria aos operários desempregados, como foi observado na cidade de Mossoró.

Mesmo passando por tantas dificuldades, a luta dos operários foi positiva. Reunidos em organizações sindicais conseguiram aprovar muitas de suas propostas e deram um grande passo ao obterem a legalização de seu sindicato. Infelizmente, após a mecanização e o advento de um grande número de desempregados, essa classe perdeu força devido a dispersão de muitos trabalhadores. Tal situação os impediu de buscar a solução para seus problemas, o que tornou praticamente impossível a aceitação de suas reivindicações.

Consideramos o operário a peça principal que impulsiona a indústria salineira, portanto sem ele o sal não poderia ser produzido e muito do que foi conseguido, através da comercialização deste, não teria retornado as mãos daqueles que investiram nesta atividade tão expressiva. Merecedores de melhores condições de trabalho poderiam ter enriquecido ainda mais nosso estado e, conseqüentemente, nossa economia. *produto*

*Nas faz: a partir de mecanização,  
e você mesma afirma isso!!!*

*De que forma? o que você quer dizer?*

*Qual foi  
a "outra"  
vez?*

*consequência!*

## **BIBLIOGRAFIA**

**ANDRADE, Manuel Correia de. O território do sal: a exploração do sal marinho e a produção do espaço geográfico no Rio Grande do Norte. Natal: UFRN/CCHLA, 1995. (Coleção Mossoroense, v. 848).**

**A'BOCZ, Istvan Imre Lazvló. Ensalos sobre a história econômica do Rio Grande do Norte. Natal: UFRN/ Ed. Universitária, 1986.**

**CANO, Wilson. Desequilíbrio regional e concentração Industrial no Brasil 1930 – 1970. Campinas: Global, 1985.**

**COSTA, Ademir Araújo da. Tecnologia e desemprego: o caso da região Salineira de Macau – RN. Natal: UFRN, 1993.**

**FELIPE, José Lacerda Alves. Aspectos geo-econômicos da região de Macau: o espaço regional. In: Notas sobre a região de Macau. Natal, UFRN/PRAEU/CRESM, 1985. p. 9 – 14. ( Coleção Textos Acadêmicos).**

\_\_\_\_\_. **Mossoró: um espaço em questão. Mossoró: ESAM, 1980. (Coleção Mossoroense, n. 141).**

\_\_\_\_\_. **Tecnologia capitalista nas salinas do Rio Grande do Norte e a organização de novos espaços para os salineiros Desempregados. Mossoró: ESAM, 1982. (Coleção Mossoroense, n. 180).**

**FEMENICK, Tomislav Rodrigues. Aspectos da economia salineira no Rio Grande do Norte. Mossoró: ESAM, 1991. (Coleção Mossoroense, n. 987).**

**FERNANDES, Geraldo de Margela. Operários do sal: dois séculos de exploração. Natal; UFRN / CCHLA, 1982. (Coleção Textos Acadêmicos).**

**FERREIRA, Brasília Carlos. O sindicato do garrancho. Natal: S/ed. 1986. (Coleção Mossoroense, v. 482).**

**MARIZ, Marlene da Silva. Macau – História: origem e sociedade. In: Notas sobre a região de Macau. Natal: UFRN / PRAEU / CRESM. 1985. p.15 - 20. (Coleção Textos Acadêmicos).**

**MEDEIROS, José Augusto Bezerra de. O sal e o algodão na economia potiguar. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948.**

**MOREIRA, Raimundo. O Nordeste brasileiro: uma política regional de industrialização. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1979.**

**SABINO, Geraldo. História do sindicalismo no Rio Grande do Norte. Natal: Clima, 1985.**

**SANTOS, Paulo Pereira dos. Evolução econômica do Rio Grande do Norte: do século XVI ao século XX. Natal: Clima, 1994.**

**SOUSA, Márcia Maria Lemos de. As salinas do Rio Grande do Norte. caderno de História, Natal, v. 2, n. 2, p. 24 – 29, Jul. / dez. 1995.**

**\_\_\_\_\_ . A política econômica salinera e o Rio Grande do Norte (1965 – 1974). São Paulo: PUC, 1988.**

**SOUZA, Itamar de. A República Velha no Rio Grande do Norte(1889 – 1930). Natal: CEGRAF, 1982.**

**VARGAS, Nazira Abib Oliveira. História que o povo conta. Recife: Massangana, 1987.**